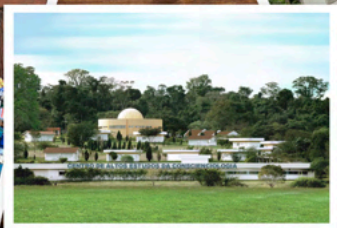


Milena Mascarenhas

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

(Organizadores)



Lugares de Memória

Atena
Editora

Ano 2022

Milena Mascarenhas

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

(Organizadores)



Lugares de Memória

Atena
Editora

Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

CEAEC

Mac Donald Ferandes Bernal

Paola Stefanutti

Solange da Silva Portz

Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Prof^ª Dr^ª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Milena Mascarenhas
Solange da Silva Portz
Valdir Gregory

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L951 Lugares de memória / Organizadores Milena Mascarenhas, Solange da Silva Portz, Valdir Gregory. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0167-4
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674221104>

1. Histórias de lugares e tempos. I. Mascarenhas, Milena (Organizadora). II. Portz, Solange da Silva (Organizadora). III. Gregory, Valdir (Organizador). IV. Título.
CDD 398.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este livro foi concebido e construído com a finalidade de discutir *Lugares de Memória*, e aborda aspectos relacionados à memória em contexto de fronteiras, organizado e estruturado em oito capítulos. Os capítulos que o compõem são oriundos de pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e outras instituições, e estão voltados para um debate a respeito de memórias, patrimônio e territorialidades da região conhecida como Tríplice Fronteira.

Os conteúdos contemplam dados e narrativas que se relacionam com a história da região trinacional situada nos entornos de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e da região metropolitana de Ciudad del Este na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai respectivamente. Considerando que, dentre os aspectos fronteiriços, estão as línguas portuguesa e espanhola, principalmente no cotidiano deste espaço, optou-se por manter citações em espanhol sem as suas traduções.

O primeiro capítulo trata do Patrimônio Cultural no Mercosul e lança olhares na direção da cultura além-fronteira, identificando referências culturais compartilhadas por diferentes Estados na perspectiva de um projeto de integração regional. Vê-se o debate sobre o papel da cultura como estratégia para a integração cujo o intuito é vislumbrar uma identidade comum dentro do Mercosul, visando promover um sentimento de pertencimento para a formação de uma cidadania regional. O patrimônio cultural emerge como uma categoria importante para a reflexão dos processos sobre as medidas de valorização das representações do passado, através das ações voltadas para a preservação de bens culturais compartilhados entre os países parceiros.

O segundo capítulo foca nas migrações, abordando as políticas sobre terra e colonização na perspectiva do processo de nacionalização da fronteira externa (separação entre nações) e interna (ocupação das áreas fronteiriças das províncias) nas regiões transfronteiriças do Sul do Brasil e Nordeste da Argentina, nomeadamente na faixa de fronteira das províncias do Paraná (BR) e Misiones (ARG) nos séculos XIX e XX. A pesquisa ainda foca na comparação e na transnacionalidade, buscando a compreensão das semelhanças, diferenças e conexões na invenção de nacionalidades de origem europeia para integrar a fronteira aos Estados Nacionais em questão.

O capítulo três tem a proposta de apresentar memórias construídas sobre um personagem que viveu na fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina no final do século XIX e início do século XX. Os estudos sobre Moisés Santiago Bertoni emergem de documentação constituída por ele mesmo e por obras diversas produzidas a seu respeito. O texto discute a construção de memórias que fazem parte de um variado leque de lembranças e permite

conhecer o processo de construção de memórias sobre a Tríplice Fronteira.

O quarto capítulo estuda as culturas alimentares da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina por meio de indícios e vestígios em feiras, trazendo reflexões acerca de práticas relativas à alimentação. As feiras analisadas foram a Feirinha da JK em Foz do Iguaçu, a Feria de Ciudad del Este do lado paraguaio e a Feirinha da Argentina em Puerto Iguazú. É uma escrita que bebe na micro-história, nas práticas do cotidiano e na etnografia. Parte-se da comida, de espaços de comidas e de seus desdobramentos para discutir culturas alimentares neste espaço de fronteira.

A Ponte Internacional da Amizade serve de cenário para discutir as ações empenhadas pelos governos brasileiro e paraguaio a fim de consolidar memórias e representações em diferentes insígnias, oferecendo aos lugares relacionados à ponte diferentes formas de ancorar lembranças. Buscou-se, a partir dos vestígios encontrados, problematizar os lugares de memória intencionalmente construídos para vincar certas lembranças e associá-las a seus executores.

O capítulo seis realiza uma discussão sobre como as ações materiais e imateriais do Estado brasileiro, por meio de lugares e memórias, são ativadas como representações da formação histórica de Foz do Iguaçu. Os indícios presentes no cotidiano levam a percepção da presença do Estado no passado e no presente. Por meio de documentos, discursos, infraestruturas, monumentos, políticas, projetos e ações, o Estado mostra sua presença e influência nas definições de representações, memórias, lugares de memórias de Foz do Iguaçu. Um território que integra muitas histórias que são imprescindíveis para compreender a formação de uma cidade com memórias porosas e cambiantes.

O capítulo sete traz narrativas sobre a primeira Catedral da Diocese de Foz do Iguaçu e a trajetória da Igreja Católica, na região Oeste do Paraná, no início do século XX. A Paróquia São João Batista revela-se como fonte provedora de histórias e de personagens que, de alguma forma, se conectam com a história da cidade, além disso, o autor trabalha com a concepção da igreja como monumento histórico, marco referencial para a manutenção de lembranças e de tradições, tornando-se ponto de referência e de singularidade do local onde se encontra promovendo a formação da identidade cultural local.

O capítulo final aborda o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) apresentando seu histórico de formação em Foz do Iguaçu. O CEAEC é um ponto turístico no município desde 1995, e um importante polo de pesquisas voltado para o estudo da consciência humana (pessoa, indivíduo, ego, *self*) de modo multidimensional, além da dimensão material, do corpo físico e do confinamento no cérebro, considera-se outras formas de manifestação. O capítulo discorre sobre o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento por voluntários da Conscienciologia.

À vista disso, este livro apresenta um conjunto de temas, de múltiplos dados,

tratados sob diversos enfoques, de variadas metodologias e de diferentes abordagens teóricas. Discussões mais amplas e aprofundamentos maiores poderão ser buscados nas teses e publicações dos autores.

Por fim, agradecemos aos pesquisadores que contribuíram com suas pesquisas e reflexões compondo os capítulos dessa obra. Também ao Programa de Pós Graduação Sociedade Cultura e Fronteira da UNIOESTE que possibilitou a publicação.

Uma ótima leitura a todos!

Milena Mascarenhas
Solange da Silva Portz
Valdir Gregory
(Organizadores)


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O MERCOSUL E A CENTRALIDADE DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Maria de Fátima Bento Ribeiro

José Carlos dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211041>

CAPÍTULO 2..... 12

SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERCONEXÕES DO PROCESSO IMIGRATÓRIO NA FRONTEIRA ARGENTINA/BRASIL

Leandro de Araújo Crestani

Ernelo Schallenger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211042>

CAPÍTULO 3..... 30

MOISÉS SANTIAGO BERTONI E AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211043>


CAPÍTULO 4..... 46

PERCURSOS DE UMA PESQUISA SOBRE CULTURAS ALIMENTARES - INDÍCIOS ETNOGRÁFICOS EM PRÁTICAS DO COTIDIANO

Paola Stefanutti

Valdir Gregory

Ernesto di Renzo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211044>

CAPÍTULO 5..... 66

PONTE INTERNACIONAL DA AMIZADE: LUGARES DE MEMÓRIA

Milena Mascarenhas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211045>



CAPÍTULO 6..... 87

FOZ DO IGUAÇU: MEMÓRIAS, LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES RELACIONADAS COM A PRESENÇA DO ESTADO

Samuel Klauk

Andressa Szekut

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211046>

CAPÍTULO 7	109
A IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU E A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD): HISTÓRIA E PERSONAGENS	
Mac Donald Fernandes Bernal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211047	
CAPÍTULO 8	133
CENTRO DE ALTOS ESTUDOS DA CONSCIENCILOGIA (CEAEC): MATRIZ DAS TERRITORIALIDADES CONSCIENCIOLÓGICAS	
Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211048	
ÍNDICE REMISSIVO	162
ÍNDICE GEOGRÁFICO	168
ÍNDICE ONOMÁSTICO	171
SOBRE OS AUTORES	175

PERCURSOS DE UMA PESQUISA SOBRE CULTURAS ALIMENTARES - INDÍCIOS ETNOGRÁFICOS EM PRÁTICAS DO COTIDIANO

Data de aceite: 20/01/2022

Paola Stefanutti

Valdir Gregory

Ernesto di Renzo

INTRODUÇÃO

Este capítulo é um recorte de uma tese de doutorado que objetiva estudar culturas alimentares (no plural) da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina por meio de indícios e vestígios em feiras e, assim, contribuir para uma reflexão sobre práticas essenciais tanto do ponto de vista fisiológico quanto social relativas à alimentação existente nesse território.

Neste texto, objetiva-se discutir o caminho metodológico utilizado na pesquisa, apresentando como o método indiciário se encontra com o método etnográfico, tendo como pano de fundo práticas do cotidiano.

As feiras analisadas foram a Feirinha da JK em Foz do Iguaçu, a Feria de Ciudad del Este do lado paraguaio e a Feirinha da Argentina em Puerto Iguazú. Apesar de próximas fisicamente, as feiras possuem dinâmicas, fluxos, comidas, cenários e objetivos diferentes (STEFANUTTI, 2020).

A Feirinha da JK é uma feira de rua que

ocorre uma vez por semana, aos domingos pela manhã e possui aproximadamente duzentos expositores, dos quais cem são categorizados como artesanato e os demais como alimentação. Esta feira é marcada pelos migrantes de perto e de longe, e por suas comidas. Bancas de árabes, chineses, taiwaneses, japoneses e venezuelanos se encontram com bancas de mineiros, baianos, pernambucanos, gaúchos e goianos. Também há comidas e bebidas mais comumente encontradas nas feiras brasileiras, como pastel e caldo de cana.

A Feria de Ciudad del Este ocorre em local fixo de quarta-feira a sexta-feira e comporta duas feiras opostas entre si: a Feria de Produtores denominada Central de Produtores e Feirantes Hortigranjeiros (CPFH) do Alto Paraná e a Feria Permanente. A Feria de Produtores é uma feira agroecológica na qual o vendedor é também quem produz, em uma cadeia curta de produção, sem intermediários. O produto vendido é local, é da região, é do território. Já a Feria Permanente comercializa produtos industrializados, como macarrão, farinha de trigo, sal, óleo vegetal, ervamate e produtos de limpeza. Nesta feira, também são vendidos produtos hortigranjeiros que são provenientes da Ceasa (Centrais Estaduais de Abastecimento) de Foz do Iguaçu.

Ou seja, produtos agroecológicos e do agronegócio ficam juntos, em que os formatos, as cores, os aromas e a plasticidade e o natural,

a perfeição e o defeito são aspectos e características a serem debatidos e ruminados. As diferenças são gritantes, não são vestígios, são fatos explícitos. O fluxo de alimentos da Ceasa brasileira até a Feria de Ciudad del Este gera inúmeros conflitos entre produtores e comerciantes, sendo inclusive relatados nos jornais paraguaios como o “contrabando” de alimentos.

A Feirinha da Argentina funciona todos os dias da semana, atendendo almoço e jantar. A feira conta com 29 barracas que vendem produtos industrializados ou comidas prontas para serem consumidas no local, sendo mais categorizadas como bares e restaurantes que possuem uma área com mesas e cadeiras como uma praça de alimentação. A Feirinha da Argentina é uma feira com alma turística. A comercialização de produtos *in natura* é quase inexistente.

Esta escrita bebe na micro-história não no sentido da escala reducionista a que a palavra *micro* nos induz, mas em um sentido mais amplo e refletido por Ginzburg (2007), que descreveu seu próprio percurso por esses caminhos. A melhor definição deste termo, a meu ver, é a de Ginzburg (2007, p. 264) quando afirma: “reduzir a escala de observação queria dizer transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé numa hipotética monografia”.

Quem sabe essas feiras poderiam estar em uma simples nota de rodapé de uma monografia ou de qualquer outro trabalho acadêmico? Contudo, transformo-as em papéis centrais na trama da cultura alimentar desta tríplice fronteira, lugar de encontros e desencontros, confluências e divergências.

Perante o complexo cenário que se apresenta entre bancas, comidas, fronteiras, culturas, identidades e negociações, optamos por um aporte metodológico que possibilitasse uma visão menos engessada sobre as culturas alimentares presentes nestes espaços. Para isso utilizou-se de indícios etnográficos em práticas do cotidiano como percurso da referida pesquisa. Os indícios foram baseados em Ginzburg (1989, 2006, 2007, 2018), as práticas do cotidiano em Certeau (2007) e a etnografia em Malinowski (1978), Geertz (1989) e Cardoso de Oliveira (1996).

Parte-se da comida, de espaços de comidas e de seus desdobramentos para discutir culturas alimentares neste espaço de fronteira. Espera-se que este capítulo possa gerar reflexões sobre as abordagens metodológicas em pesquisas sobre culturas alimentares e, também, culturas no plural.

MÉTODOS INDICIÁRIO

Carlo Ginzburg é referência na utilização do método indiciário. Em seu livro *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*, dedica o capítulo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* para esmiuçar os princípios deste modelo. O autor inicia discorrendo sobre o

“método morelliano” do médico italiano Giovanni Morelli, que desenvolveu um procedimento para detectar, em pinturas italianas, os traços imperceptíveis de cada artista e, assim, identificar possíveis obras falsas ou testificar verdadeiros tesouros artísticos. O fato é que o método era inquietador e se dizia que: “[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis” (GINZBURG, 1989, p. 144). Morelli, portanto, se prendia a detalhes como orelhas, unhas e dedos. O esforço pessoal se concentra em falar sobre as partes importantes, segundo quem pinta ou quem fala. Deste modo, saem os traços mais marcantes e os discursos prontos e reproduzidos. E, nas entrelinhas, o que será que pode ser visto, que minúcias esta pintura ou esta narrativa podem nos dar?

Isso é similar ao jogo dos sete erros, em que as três ou quatro primeiras falhas são fáceis de encontrar, são visíveis, porém as outras três ou quatro últimas precisam de um olhar mais aguçado, mais penetrante, mais atento aos pequenos sinais. Muitos se desinteressam e param de procurar, outros acreditam que não há mais diferenças entre as duas figuras e ficam com raiva do idealizador; mas, aqueles que encontram todos os sete sentem-se poderosos, com egos elevados e com a sensação de que não são enganados facilmente. Eis uma nova questão: — E se não houvesse número máximo? — E se o jogo se chamasse apenas Jogo dos Erros? — E se não houvesse limite? — Será que continuaríamos a procurar e encontraríamos mais? — O que esse “a mais” quer nos dizer? — O que pode ele nos dizer?

Ginzburg (1989) faz uma explanação do método indiciário e de seus entusiastas Morelli, Sherlock Holmes e Sigmund Freud. Esses personagens e até o próprio Ginzburg esmiúçam as evidências, normalmente consideradas irrelevantes, tecendo teias conexas e desconexas e ruminando sinais, indícios e orelhas.

O método é apreciar do micro ao macro, prezar pelo particular e contemplar o detalhe. Talvez o senso comum não erre quando dissemina a concepção de que “os detalhes fazem a diferença”, pelo menos não dessa vez. Mesmo as teorias que tem o propósito de chegar a uma compreensão global da sociedade não podem desprezar o singular, o particular, o micro porque, na verdade, o universal se mostra no singular, palpita no singular.

Ginzburg (1989, p. 149), com base em Freud, atesta que o método indiciário seria um “[...] método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”. Em tal método, informações que estão à margem (leia-se à margem geográfica e social) podem ser reveladoras. Tais informações marginais podem nos mostrar o que o centro, a ideia central, já encobriu, inviabilizando qualquer possibilidade de pensar além do dito, do pintado, do comido. Por esse método, então, “refala-se”, repinta-se, ruma-se, em um processo constante da busca insaciável pelo sétimo erro.

Ginzburg (1989) faz ainda uma analogia, quanto às raízes do método indiciário, com o homem caçador que “aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas

infinitesimais como fios de barba. [...] Gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo” (GINZBURG, 1989, p. 151). Seria, portanto, o paradigma venatório, relativo à caça, o início do método indiciário, tendo como ação motivadora a procura por alimento? O instinto de sobrevivência, o alimento como impulso natural para o desenvolvimento do método indiciário. O método venatório surge no instinto básico intrínseco de qualquer ser humano: a busca por alimento. Supõe-se o alimento como base dessa cadeia.

Nessa concepção do caçador farejador e identificador de rastros e sinais, faz-se a analogia do pesquisador como um caçador, como ser que utiliza o método venatório. Então, o seu dever é decifrar, compreender, analisar, responder ou inquietar mais sobre um determinado assunto. Se esse método indiciário pode ser desenvolvido por caçadores, médicos, pesquisadores e investigadores, por que não incluir os comensais-intelectuais, que identificam os traços de temperos, as linhas dos ingredientes, as técnicas empregadas, decifrando cada elemento que compõe harmoniosamente um prato, ressaltando suas características organolépticas, sendo elas seus aromas, sabores, saberes, texturas e apresentação visual do prato? Ou sendo aquele que identifica as notas de sabores específicos de certo vinho, com seus caracteres particulares de determinado *terroir*. O comensal utiliza seus sentidos humanos padrões, a audição, o olfato, o paladar, o tato e a visão e entrega-se ao sexto sentido, à sua intuição.

O método indiciário também é um modo de fazer história. Neste sentido, Ginzburg (2007) diz que o conceito de história utilizado por gregos e romanos era relativo às evidências enquanto que enquanto para nós é referente aos documentos. Perdeu-se a sapiência da busca pelas evidências na reconstrução histórica. É uma provocação para repensar o modo de fazer história a partir do método indiciário.

O pesquisador deve estar atento a todos os sinais, não apenas ao que está escrito, mas naquilo que está nas entrelinhas, corroborando o que diz Certeau (2007): ler é uma operação de caça. O pesquisador não pode ser surdo aos sons das entrelinhas, dos cochichos, dos não ditos, cego às expressões gestuais e corporais, insensível ao cenário que identifica o sujeito. Parte desta utilização do método indiciário, está também no que Ginzburg (2007) diz que o verdadeiro é um ponto de chegada de uma investigação e não seu ponto de partida. Ir atrás, escarafunchar é papel do investigador, do pesquisador.

Exemplo disso é a mais nova obra de Carlo Ginzburg (2018) *Nondimanco: Machiavelli, Pascal* (livro até agora sem tradução para o português) que trata do tema da causalidade discutida por esses dois autores Nicolau Maquiavel e Blaise Pascal. Não me atentarei para o conteúdo do livro. Apenas, desejo registrar os indícios dos quais partiu Ginzburg para compor o título do livro.

Nondimanco é uma palavra não muito utilizada no italiano e significa não obstante, apesar de, embora. Ginzburg (2018) escolhe essa palavra como título do livro por uma

razão muito sutil: é um tique literário, um vício de linguagem de Maquiavel visto em *O Príncipe*. Não obstante, ser quase imperceptível, o vício não passou despercebido pelo ágil leitor Ginzburg. A palavra que traz contrariedade em sua essência, que indica oposição a outra ideia exposta, também introduz o subtítulo.

Continuando essa pequena análise, no subtítulo, há uma pausa, há uma vírgula. Na apresentação do livro, Ginzburg (2018) que se diz um apaixonado pela pontuação, poeticamente compara pontos, vírgulas e reticências com a partitura de uma música. A pontuação dá o ritmo e faz fluir a melodia da leitura.

Esta relação com a pontuação e o que ela representa o fez começar o livro com a vírgula “A vírgula é um sinal ambíguo: pode indicar uma conjunção ou uma disjunção. Neste caso, ambos” (GINZBURG, 2018, p. 11). Pascal como leitor de Maquiavel, uma combinação não óbvia. Mesmo sem mencionar o método indiciário, Ginzburg (2018) o utiliza e provoca o leitor a participar do esmigalhar com ele. É um jogo de leitura, de perspicácia e de sabedoria. A escrita, a partir de um tique literário e de uma vírgula, é uma aplicação do método indiciário.

Sobre este método, Ginzburg (1989, p. 179) diz que: “trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas”. Ele complementa que não se aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador, colocando em prática normas já existentes e conclui: “Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p. 179).

Nestes elementos imponderáveis dos quais dependem o método indiciário, vejo – e o próprio Ginzburg vê também – a aproximação com a etnografia. Ele mesmo fala dessa aproximação do tipo de fazer história a que ele se propõe e a própria antropologia. O autor conta que nos anos 1960 começou a pesquisar processos da Inquisição, buscando reconstruir os comportamentos dos juízes e dos acusados de feitiçaria: “Logo percebi que essa perspectiva não etnocêntrica implicava um cotejo com as pesquisas dos antropólogos (primeiro de todos, Claude Lévi-Strauss)” (GINZBURG, 2007, p. 263). Porém, como ele confessa, foi um longo processo de compreensão das implicações historiográficas, conceituais e narrativas. Ginzburg (2007) complementa que esse processo de reconstrução ideológica ocorreu durante a escrita do livro *O queijo e os vermes*, em que buscava reconstruir as ideias e as atitudes de um moleiro friulano – acusado e condenado pela Inquisição.

Em seu capítulo *O inquisidor como antropólogo*, Ginzburg (2007) explica que os atos processuais dos tribunais laicos e eclesiásticos poderiam ser equiparados com o caderno de notas de um antropólogo em trabalho de campo e complementa: “O valor etnográfico desses processos friulanos é extraordinário. Não apenas palavras, mas gestos, silêncios, reações quase imperceptíveis como um súbito rubor foram registrados pelos escrivães do

Santo Ofício com obstinada minúcia” (GINZBURG, 2007, p. 287). Neste episódio, verifica-se vestígios da relação entre o método indiciário e a etnografia. Entre aplicar o método indiciário na leitura de atos processuais ou diário de campo. Ou por que não utilizar-se do método para escrever o diário de campo? Provoações.

Ginzburg dá vida aos seus personagens, seja o moleiro friulano, Morelli, Maquiavel ou Pascal, fazendo suposições, deduções e hipóteses durante todo o texto, baseado nas evidências, nos rastros, nos vestígios contidos nos documentos por ele encontrados. Ginzburg possuía apenas documentos escritos para enxergar, ler e interpretar seu sujeito/objeto de estudo. Eu, ao contrário, vivi os espaços, vivi o cotidiano, as conversas, as entrevistas, o olho no olho, os gestos, os cenários, as respirações profundas, as expressões faciais. Tenho registrados vozes, ruídos, rostos, comidas, práticas, um material orgânico, rico e vivo que abrem possibilidades incontáveis de interpretações e análises.

Ginzburg trabalha com documentos, livros, impressos e papéis. Eu trabalho, nós trabalhamos com o cotidiano, práticas, modos de fazer, comidas e pessoas. Estudo e pesquisa o que está ocorrendo em tempo real. Não é um objeto parado, está em constante movimento e construção. Nestas linhas, comprova-se que o método é aplicável tanto aos documentos quanto ao cotidiano.

Mais do que explanar sobre o método, Ginzburg aplica-o em sua maneira de fazer pesquisa e história. É a intuição, é seguir vestígios, supor hipóteses após identificar certos indícios.

PRÁTICAS DO COTIDIANO

Se Ginzburg foi fundamental nesta escrita com a micro-história e o método indiciário, o historiador francês Michel de Certeau (1925-1986), também o é na mesma medida em que trata das práticas do cotidiano. Certeau escreveu o icônico livro *A Invenção do Cotidiano*, em dois volumes, o primeiro *Artes de fazer* e o segundo *Morar, cozinhar*. Neste momento, busco conceitos de Certeau expressos no primeiro volume.

Segundo Certeau (2007), a ciência do ordinário traz estranhezas para aquele que a estuda. Assim como ocorre com o etnólogo ou o historiador, não se trata de um posicionamento de cientista *versus* do nativo, mas de se sentir estrangeiro na própria casa, ou um selvagem no centro da cultura ordinária.

Certeau (2007) critica o fazer científico que exige a delimitação e a retirada do objeto de estudo da realidade, desvinculando-o do tempo e local. “Só pode ser tratado o que se pode transportar. O que não se pode desarraigar tem que ficar fora do campo, por definição” (CERTEAU, 2007, p. 81), por isso, o autor relata o privilégio de estudos referentes aos discursos *versus* a enunciação, o ato da palavra, que não se pode afastar da

circunstância em que foi mencionado. Portanto, tratar de práticas cotidianas é um desafio, pois não se isola o ato em si mesmo, não se desassocia de quem o pratica, onde pratica, em qual momento pratica, com qual objetivo, entre outros fatores.

O autor enfatiza a habilidade dos pesquisadores que praticam a arte do desvio: “tratar assim as táticas cotidianas seria praticar uma arte ‘ordinária’, achar-se na situação comum e fazer da escritura uma maneira de fazer ‘sucata’” (CERTEAU, 2007, p. 90). O autor discute esse trabalhar com sucata, como sendo o trabalhar com os restos, um trabalho livre e criativo, um saber-fazer pessoal, em que o catador realiza “golpes” no território da ordem instituída, tal como o pesquisador que se vê em uma situação comum e transforma-a por meio da escrita em maneiras de fazer. Para ler e escrever sobre a cultura ordinária, é necessário reaprender operações comuns, e estar disposto a olhar essas operações ditas como banais e colocá-las como foco do estudo e do pensar e fazer da observação uma variante do seu objeto.

Nos estudos sobre práticas cotidianas, abre-se, como salienta Certeau (2007, p. 86): “[...] a possibilidade de analisar o imenso campo de uma “arte de fazer” diferente dos modelos que reinam (em princípio) de cima para baixo da cultura”. Enquanto as táticas populares são exploradas pelos dominantes ou mesmo negadas pelas teorias, nestas linhas elas ganham espaço e são apresentadas como arte, como as artes de fazer.

Certeau (2007, p. 37) buscou tornar o tema das práticas cotidianas em algo tratável em: “[...] fornecer, a partir de sondagens e hipóteses, alguns caminhos possíveis para análises ainda por fazer”. Para isto, as práticas ou “maneiras de fazer” cotidianas deveriam parar de aparecer como pano de fundo da atividade social para se tornar objeto a ser estudado, algo na mira dos grandes holofotes do palco cênico da vida cotidiana.

Certeau (2007) foi visionário nas interpretações das práticas culturais contemporâneas, invertendo a lógica do consumidor passivo para a do consumidor ativo. Certeau (2007) permite entender que o sujeito não é um receptor passivo das mensagens que vêm da mídia, da televisão, ou das leituras de um modo geral, mas é sempre um produtor ativo de conhecimento a partir do momento em que ele vai lidando com os diversos fragmentos e os sintetizando na sua própria cultura. O sujeito ordinário estabelece síntese, faz bricolagem, faz combinações com as inúmeras informações que recebe e cria para si mesmo uma “maneira própria”. Certeau (2007) chama estes consumidores de produtores desconhecidos que produzem práticas significativas que não são definidas e nem percebidas pelos sistemas nos quais se manifestam. As pessoas comuns, os feirantes e os que feiram, são produtores desconhecidos que nem eles mesmos sabem que são.

Outro ponto importante, nas teorias das práticas cotidianas de Certeau (2007), é quando ele articula dois modelos de comportamento dos sujeitos, sendo estes as estratégias e as táticas.

As estratégias são empreendidas por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, por este meio, objetiva se legitimar e garantir sua própria continuidade no poder. Este sujeito, por vezes, são instituições oficiais como empresas, governos ou instituições científicas. Como se percebe, nem estas escapam às análises do autor. As estratégias derivam de um lugar que se estabelece como próprio. Um lugar físico, teórico, epistemológico, um lugar que enuncia. Podem também estar ligadas a uma escrita. A escrita é também uma prática estratégica, ela enaltece uma dada interpretação ou tipo de visão.

Já as táticas seriam procedimentos que ocorrem sem um lugar próprio, sem uma visão geral do todo, orientadas pelos acasos do tempo e marcadas pela ausência de poder. A tática: “[...] opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2007, p. 101), ela é a arte do mais fraco, do dominado que também tem suas maneiras de lidar com as normas impostas. As táticas são consideradas pelo autor como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis. É sabedoria, é trampolinagem, é astúcia, é malandragem ao utilizar ou driblar os termos impostos pela estratégia. É o jeitinho brasileiro. Como diria Certeau (2007, p. 79): “mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro”.

O campo das estratégias é onde circulam os sujeitos comuns, local do qual eles não são donos e só possuem o tempo como aliado. Assim, as táticas são a arte dos sujeitos de dar golpe no campo do outro, são maneiras astuciosas de lidar com essas relações de poder. Os sujeitos ordinários, nos seus cotidianos, estão concomitantemente submetidos a determinadas estratégias e articulando astúcias, elaborando outras maneiras de subverter os mecanismos que são impostos. São táticas de sobrevivências. Compreendi que as táticas ocorrem no tempo em que ocorre a ação, já a estratégia é pensada, estabelecida e imposta e por isso privilegia o lugar. Se as estratégias visam a fabricar, mapear e instituir, as táticas resultam em diversas “maneiras de fazer”.

Certeau (2007) evidencia o paradoxo entre a gramática – enquanto ser vigilante da propriedade da língua – *versus* as alterações retóricas no uso da língua por aqueles que a utilizam e fazem dela sua própria língua a não ser esquecida. Nesta mesma perspectiva, traz a questão do ato de caminhar e o sistema urbano: “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc” (CERTEAU, 2007, p.179), seriam trajetórias que falam. Ele menciona Charlie Chaplin que utilizou a caminhada, para além das regras impostas pelo sistema urbano, subvertendo-a em algo próprio.

Certeau (2007) assegura que muitas práticas cotidianas, dentre elas comprar e cozinhar, são do tipo tática. Ressalta que a maior parte das maneiras de fazer, também se institui nessa perspectiva das pequenas vitórias do mais fraco sobre o mais forte, entre astúcias e golpes.

Nesta vertente, trazendo para o campo da alimentação, posso pensar no descritivo

de uma receita, que pode ser essa gramática das receitas, essa estratégia de poder sobre determinado conhecimento. Pode-se dizer que o cozinhar são as táticas, que alteram aquela instituição da escrita da receita e são muitos os motivos. A tática só ocorre no tempo. Ela precisa estar ocorrendo naquele momento para existir enquanto prática.

A feira, em si, é local, é instituição, é organizada por um poder dominante, estatal ou privado, é estratégia. Porém, as práticas que ocorrem neste espaço, no momento em que quando ela se torna espaço em si, são as táticas, as maneiras de fazer, as astúcias, os golpes, as práticas cotidianas que ocorrem entre bancas, feirantes e quem feira, no ato de escolher, de comprar e de comer.

Certeau (2007) diz que a historiografia cumpre o papel de replicar as estratégias dos poderes instituídos e que, nos contos e nas lendas, podem se encontrar, nas entrelinhas, as táticas de um período que inverte as relações de forças, onde o fraco, milagrosamente, ganha do forte.

O historiador faz uma interessante distinção entre lugar e espaço. Para o autor, o lugar é estabilidade, é ordem, é estratégia e distribui relações de coexistência. Já o espaço é instabilidade, é movimento, é tática.

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 2007, p. 202, grifo do autor).

O sujeito comum é um produtor desconhecido que fabrica práticas significativas a partir de fragmentos que recebe ao longo das interações cotidianas. Esse sujeito ativo está emaranhado entre estratégias e táticas, lugares e espaços. Nesta concepção, as feiras seriam lugares que se transformam em espaços a partir do momento em que ocorrem – por parte dessas pessoas ordinárias – as práticas, as táticas, os golpes, a bricolagem, para além das ordens instituídas pelas organizações que as gerenciam, sejam elas estatais ou não. Essa é uma das teorias que embasa esta escrita.

MÉTODOS ETNOGRÁFICO

Mesmo dialogando com Ginzburg (1989, 2006, 2007, 2018) e Certeau (2007), o método indiciário em práticas do cotidiano, senti que precisava de bases mais sólidas e densas para minha escrita. Recorri, para minha surpresa, à etnografia. Aponto a surpresa por esse tema não fazer parte do meu cotidiano, e por achar que eu não poderia utilizá-lo. Estava errada. Conversei sobre este método com três antropólogos: Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), Clifford James Geertz (1926-2006) e Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), um polaco, um estadunidense e um brasileiro.

Malinowski (1978) foi um grande nome da antropologia social e propôs um novo método de análise, o fazer etnografia a campo, por meio do contato direto com a comunidade estudada. Ele propôs a observação participante, apesar de não ter batizado o método com esse nome. Na introdução do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ele se dedica a apresentar e definir o método etnográfico que deveria ser seguido.

Para Malinowski (1978), o trabalho etnográfico deveria englobar a totalidade dos aspectos sociais, culturais e psicológicos de uma comunidade. E é enfático sobre a necessidade da descrição clara e honesta dos métodos utilizados na pesquisa etnográfica. O antropólogo cita que vários autores que o antecederam não mostravam os caminhos e métodos da pesquisa. Ele argumenta fazendo um comparativo com outras ciências, como as exatas e biológicas, que apresentam relatos detalhados de todo o processo e não simplesmente o resultado das pesquisas. Exemplo disso: a descrição dos experimentos, dos aparelhos utilizados, os tempos, as observações, dentre tantas outras variáveis. Portanto, nesta escrita, busquei mostrar o caminhar nessas feiras, como cheguei até lá, com quem estava, como foram as interações, as respiradas, os diálogos e as observações que o olhar, o ouvir e o comer me proporcionaram para o ato de ruminar.

Malinowski (1978) frisa que cada fenômeno deveria ser estudado com o máximo de informação possível e constituído de inúmeros exemplos, incluindo a utilização de documentos. Assim, na coleta de informações, o autor ressalta ser importante registrar desde os fatos considerados comuns aos exóticos e que as situações devem ser anotadas logo no início da observação. Com o tempo, elas podem se tornar normais, familiares, cotidianas, e passarem despercebidas pelo pesquisador.

Malgrado a afirmação anterior, o autor chama a atenção para que o levantamento não traga somente dados brutos, sem serem trabalhados, que sejam apenas um desenho do ótimo esqueleto da constituição tribal, porém ao qual faltam carne e sangue. Que mostre a estrutura social, as leis e as normas, mas que não deixe de apresentar a vida humana e como os “nativos” vivem o seu cotidiano, suas crenças, costumes e valores. Lembro-me das estratégias e táticas de Certeau (2007). Discutir as táticas é referir-se à carne, ao sangue, e porque não, ao espírito de uma determinada localidade.

Malinowski (1978) apresenta o conceito dos “imponderáveis da vida real”, para dimensionar as práticas do cotidiano, citando especificamente entre outros exemplos, o modo de preparo da comida e o modo de se alimentar. O autor enfatiza que esses fatos imponderáveis são parte integrante da vida grupal e que neles estão entrelaçados inúmeros fios que amarram os vários círculos sociais e, portanto, tem sua importância inquestionável.

Logo, o pesquisador que deseja apresentar a imagem vívida da vida nativa deverá empenhar-se em demonstrar todos os aspectos, dos mais íntimos aos mais formais, dos comportamentos às normas, em observar e registrar esses aspectos imponderáveis da vida real e do comportamento típico, essas práticas cotidianas.

Segundo Malinowski (1978), todo o esforço do trabalho etnográfico visaria a constituir o quadro da cultura nativa, que seria expresso por meio de três itens:

Além do esboço firme da **constituição tribal e dos atos culturais cristalizados** que formam o esqueleto, além dos dados referentes à **vida cotidiana e ao comportamento habitual** que são, por assim dizer, sua carne e seu sangue, há ainda a registrar-se-lhe o espírito – os **pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos**: pois em todo ato da vida tribal existe, primeiro, a rotina estabelecida pela tradição e pelos costumes; em seguida, a maneira como se desenvolve essa rotina; e, finalmente, o comentário a respeito dela, contido na mente dos nativos (MALINOWSKI, 1978, p. 32, grifo nosso).

Esqueleto, carne, sangue e espírito de Malinowski (1978) me fizeram refletir a ponto de figurarem nas entrelinhas desta escrita como diretriz teórico-metodológica, assim como os indícios de Ginzburg (1989, 2006, 2007, 2018).

Outro antropólogo que escreveu sobre a etnografia foi Geertz (1989), especificamente no capítulo denominado *Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura*, no livro *A interpretação das culturas*. Geertz (1989, p. 4) defende a etnografia como uma descrição densa, “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”.

Essa descrição etnográfica densa – que faz parte desta escrita –, pode ser comparada ao método indiciário de Carlo Ginzburg. Olhar além das piscadelas – das quais trata Geertz (1989) – e verificar se são piscadelas de tique involuntário, um gesto conspiratório, um gesto de flerte, imitação de algum deles ou, apenas, um ensaio do praticante. Geertz (1989, p. 7, grifos nossos) reforça que:

[...] **a maior parte do que precisamos para compreender** um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como **informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente**.

Como verificar isso? Indo além das próprias piscadelas. São as informações de fundos, os resquícios, os vestígios, os indícios.

Para finalizar esta discussão, recorro a Roberto Cardoso de Oliveira (1996), que escreveu um clássico da etnografia brasileira, um artigo (que já havia sido citado por 708 artigos, quando da data da pesquisa *on-line*) intitulado *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. Neste texto, o autor apresenta, de maneira simples e direta, o que denomina de as três etapas de percepção dos fenômenos sociais: o olhar, o ouvir e o escrever. Se pudesse, acrescentaria as palavras comer e ruminar. Afinal, o antropólogo também come comida, come pessoas, come cultura e depois ruma-os. O termo “ruminar”, bastante utilizado nesta escrita, merece uma descrição mais aprofundada que será realizada posteriormente.

Ele caracteriza os três elementos em duas etapas. Uma, de observação que envolve o olhar e o ouvir e outra, de textualização que remete ao ato de escrever. Portanto, o olhar e o ouvir etnográficos são parte da pesquisa empírica, que é transformada no ato de escrever, pela interpretação do pesquisador, em uma textualização da realidade sociocultural. Assim, a pesquisa etnográfica é essa articulação entre a pesquisa empírica com a interpretação de seus resultados.

Ele também faz uma menção a Geertz (1989) no seu livro *Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor*, em que evidencia a investigação empírica em dois momentos: a do pesquisador “estando lá” (*being there*), ou seja, vivenciando o campo, a pesquisa de campo, e a do “estando aqui” (*being here*) que seria o trabalhar sobre o que foi vivido e que seria marcado pela interpretação que ocorre no e do espaço do pesquisador, sua mesa, cadeira, biblioteca, seu espaço acadêmico que também o influencia.

Nessa pesquisa, essas duas partes ficam bem claras entre as passagens e relatos pelas feiras e depois os ruminantes, as discussões sobre alimentação que este “estar lá” a campo me proporcionaram.

Cardoso de Oliveira (1996) faz uma importante ressalva em relação ao contato com o outro. Não há somente a barreira linguística, mas há distinção entre os “idiomas culturais”, entre o mundo do pesquisador e o mundo do Outro em que ele deseja entrar. Essas relações muitas vezes estão cercadas de desigualdades e relações de poder, o que deve ser combatido veementemente pelo pesquisador, para tornar o “confronto” entre pesquisador e pesquisado, um “encontro etnográfico”:

Tal interação na realização de uma etnografia, envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de “**observação participante**”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 21, grifo nosso).

O autor evidencia que a observação participante capta um excedente de sentido que escapa aos olhos de metodologias rígidas. Segundo Cardoso de Oliveira (1996), a observação participante seria a responsável por caracterizar o trabalho de campo da antropologia e que apesar de:

[...] ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações ágrafas e de pequena escala, tal **não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo** (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 30, grifo nosso).

Um dos instrumentos para chegar ao esqueleto, carne, sangue e espírito é o diário de campo ou diário etnográfico. Para Malinowski (1978), o diário deve ser elaborado

constantemente no percurso dos trabalhos de campo, sendo considerada a ferramenta ideal para essa tipologia de estudo. Nele, o pesquisador insere, no ato da observação, rascunhos, descrições dos fatos, observações, registros de impressões e percepções. É um material do pesquisador para ele próprio. E como menciona Malinowski (1978), deve haver uma enorme diferença entre o material bruto coletado e a comunicação dos resultados finais da pesquisa. O diário de campo deve ser lapidado, lido, relido e reescrito, é um processo de construção e observação frente ao Outro, e frente ao próprio texto.

Cardoso de Oliveira (1996) também está de acordo com essa questão. Para ele, o texto é escrito e reescrito, não apenas para aprimorá-lo do ponto de vista da formalidade, mas para desenvolver as descrições, as narrativas e adensar as análises. Complementa que:

[...] os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale dizer que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é mais bem alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever. Seria uma espécie de presentificação do passado (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 31).

Recordo-me do velho conceito de ruminar que carrego comigo e faço um adendo sobre o mesmo. O conceito como é trabalhado nestas páginas vem do sociólogo e filósofo João Carlos Tedesco (2013) com a concepção de ruminantes de memórias. Essa concepção de memória provoca a reflexão no sentido de rever as memórias, as lembranças e as indigações como se realmente fosse esse o processo que ocorre: uma rumação.

Um ruminar de lembranças, emoções, sensações, esquecimentos, objetos, frases, expressões, locais físicos, imagens, diálogos, palavras, que vão surgindo, ressurgindo e sumindo da mente, da fala e/ou da própria memória. Remoendo um pouco mais esse conceito de ruminar, leia-se a definição de Ferreira (2004, p. 1780): “1. Entre os ruminantes, remastigar, remoer (os alimentos que voltam do estômago à boca): *O boi, a cabra e a girafa ruminam os alimentos*. 2. Fig. Pensar muito em; refletir, matutar, parafusar em: *Passou um mês ruminando o assunto*”. Em suma, ruminar não significa um simples recordar, é um recordar trabalhado.

Quando ocorre o acontecimento no presente, ele seria o engolir do ruminante que, tempos depois, volta com esse alimento/acontecimento, para a boca/memória e ali começa um processo na boca/mente de refletir, pensar, remoer, de reviver o passado e destacar o que se quer destacar e desaparecer, com o que não foi muito bem digerido durante o processo de mastigação. A compreensão do ruminar encontra espaço durante o decorrer desta pesquisa. Afinal, neste contexto, a palavra ruminar torna-se peculiar, pois dialoga ao mesmo tempo com o conceito sociológico e com o conceito alimentar.

Uma das maneiras de apresentar os conteúdos é por meio de quadros sinóticos de que trata Malinowski (1978, p. 26). Estes quadros seriam o materializar do “esquema mental” do pesquisador em um “esquema real”, mais lúcido e didático. Ao ler os quadros sinóticos de Malinowski (1978), pensei em propor quadros alimentares das feiras e assim o fiz. Na finalização das discussões de cada uma das feiras em Stefanutti (2020), estão localizados os quadros alimentares divididos em: produtos *in natura* e manufaturados, comidas de feira e bebidas.

Ler Malinowski (1978) e me apropriar de algumas de suas contribuições não permite, entretanto, que eu considere meu trabalho como etnográfico. O pai da etnografia trata de cobrir a totalidade dos aspectos e do viver imergido entre “nativos” para garantir condições adequadas à pesquisa etnográfica. Eu não vejo a totalidade, mas fragmentos de práticas cotidianas que vivenciei. Se tivesse ido às feiras em outros dias, com outras pessoas, se tivesse lido outros autores, minhas percepções destas feiras e seus desdobramentos seriam, certamente, distintas. Além disso, a etnografia como imersão, esse “[...] viver mesmo entre os nativos” (MALINOWSKI, 1978, p. 20) não se aplica à realidade em que me encontro. Porém, entendo que esta escrita tenha resquícios etnográficos: a maneira de narrar os fatos, de descrever os espaços e suas interpretações, da descrição densa como aponta Geertz (1989), e do olhar, ouvir e escrever de Cardoso de Oliveira (1996).

Concluindo essas reflexões, não posso deixar de citar os inúmeros estudos realizados pela antropóloga brasileira Maria Catarina Chitolina Zanini (2016, 2017, 2018) que faz, que pratica, que toma a atitude do etnografar em feiras. Seus trabalhos repletos de sensibilidade retratam questões do campesinato, da mulher, do comércio e da socialização que ocorrem nestes espaços. Sinto-me quase sentando em suas cadeiras pelas bancas de Santa Maria, RS. Nas investigações sobre feiras é comum a etnografia ser base teórica das pesquisas, o que pode ser observado nos estudos da referida autora.

INSTRUMENTOS DA PESQUISA: ENTREVISTAS, DIÁLOGOS, FOTOGRAFIAS E JORNAIS

Mais do que apresentar um esqueleto, a pesquisa busca recheá-lo com carne, sangue e espírito. Busca mostrar as táticas, os golpes e as astúcias dos que vivem no esqueleto. Do *modus operandi* dos indivíduos vivos neste recorte de realidade fronteiriça. Proponho isto por meio das respectivas ferramentas: da vivência nas feiras com a observação participante em práticas do cotidiano registradas no diário de campo e com registros fotográficos; das conversas e diálogos com feirantes e com quem feira; das entrevistas com os responsáveis pelas feiras e a leitura de artigos em jornais e trabalhos acadêmicos.

Pela escolha metodológica que levou em consideração o tempo disponível e a

abrangência da pesquisa – estava me debruçando sobre três espaços diversos de três países – e, assim, optei por realizar entrevistas e diálogos. Foram realizadas três entrevistas com três responsáveis por cada uma das feiras e, ainda, inúmeros diálogos com feirantes, comerciantes, com quem feirava comigo e com quem feirava com outros ou sozinho. Estes momentos de conversação ocorreram nos meses de setembro a novembro de 2017 e de fevereiro a novembro de 2019. Várias vezes, estive acompanhada nas feiras, em outras, estive sozinha.

É preciso fazer uma distinção entre entrevistas e diálogos. Denomino diálogos, as conversas informais, não gravadas, sem assinatura de Termo de Consentimento e que ocorreram propositalmente (quando eu provocava uma interação premeditada) ou espontaneamente (quando eu comentava um fato que acabara de ocorrer ou quando era interpelada por outros). Trata-se de conversas que ocorreram no ato de feirar. Como ocorre numa conversa natural, não escrevia nada durante os diálogos. Depois de cada interação, buscava me afastar e isoladamente escrevia ou no bloco de notas do celular ou no bloco de notas em papel a conversa, o *insight*, o gesto, a expressão, pequenos espasmos do cotidiano ou suas exceções.

No ato da interação, ou posteriormente, também ocorreram registros fotográficos de inúmeras situações, produtos, comidas, utensílios, pessoas, espaços e práticas. Lembro-me de uma pessoa apaixonada por fotografia que fez de sua paixão, seu maior objeto de estudo acadêmico, a historiadora Lucia Teresinha Macena Gregory. Inclusive por suas mãos também fui fotografada.

Gregory (2010, pp. 353-354) afirma que, por meio das fotografias, os: “[...] aspectos socioculturais e atividades de produção são rememorados revelando-se em representações identitárias locais firmadas em determinado tempo e espaço dando sentido às vivências”. Logo, fotografias são registros de experiências de vida em um determinado tempo e espaço, leia-se não só daquele que é fotografado, mas também de quem fotografa. A autora prossegue: “Pode-se entender a representação sobre as vivências registradas nas fotografias, como a vontade de tornar presente o momento vivido que, uma vez realizado, é passado” (GREGORY, 2010, p. 26). O registro fotográfico também é fonte, ele cristaliza um passado, uma memória que se quer recordar.

As fotografias, tais como as descrições densas dos três espaços se tornaram registros e memórias que retratam experiências de vida, vivências do cotidiano de quem é feirante, de quem feira e de quem pesquisa feiras.

Sobre quem fotografa, a autora afirma: “[...] através da sua câmara, diagnosticou, avaliou, sintonizou, focou e fez escolhas. Diante das possibilidades, definiu seu assunto principal, centralizou e enquadrou” (GREGORY, 2010, p. 321). Eu também fiz escolhas, escolhas conscientes; não foram fotos inocentes, foram fotos com objetivos claros: cristalizar, em minha própria memória, aqueles momentos para futuros estudos e para a

possível utilização das fotos no processo da escrita, por uma questão de dar visibilidade às palavras e como uma forma a mais de documentação. Além disso, é preciso atentar para o fato de que as imagens também falam.

Gregory (2010, p. 351) conclui que, com os registros fotográficos: “[...] permanecem acesas as luzes das vivências. Das vivências de quem fotografou e das vivências dos espaços e dos objetos que acompanharam os figurantes”. Quem também dissertou sobre fotografias, porém como auxílio à pesquisa etnográfica foram Zanini, Oliveira e Cielo (2016). Segundo as autoras, o ato de fotografar traz maior interação com o público pesquisado e seu resultado – a fotografia em si – se transforma em: “[...] possibilidades interpretativas e narrativas do “outro” e o que dele – nos permitimos conhecer por meio de nossos recortes epistemológicos e espaço/temporais” (ZANINI; OLIVEIRA; CIELO, 2016, p. 242). As fotografias são fontes e registram memórias de quem fotografou e de quem foi fotografado.

Alerto para o fato de que este não é um trabalho de estudo fotográfico, contudo os registros fotográficos auxiliaram na compreensão das realidades vivenciadas são linguagens de imagens, que às vezes se tornam mais didáticas, mais visíveis, mais cristalizadas. As fotografias entram como instrumento nesta pesquisa, e auxiliam na construção das narrativas, e análises sobre as feiras, suas comidas e pessoas.

Diferentemente dos diálogos, as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta escrita, possuindo autorização mediante *Termo de Consentimento* para a utilização dos dados. As gravações foram realizadas por meio do aparelho celular da pesquisadora. A utilização de aparelho celular — em vez de aparelho gravador maior e mais específico para esse fim — teve como objetivo minimizar o estranhamento, constrangimento e/ou intimidação do entrevistado para com o objeto de registro. Logo, gravadores, microfones, filmadoras, tripés, ou outros equipamentos audiovisuais foram descartados. Conforme orienta Paul Thompson (1992, p. 264) — um dos especialistas do método da história oral como registro histórico: “ao utilizar um gravador é importante não chamar atenção para o aparelho, nem distrair-se ocupando-se dele”. Antes de ligar o aparelho celular na função gravador, eu perguntei a cada entrevistado se a entrevista poderia ser gravada e, após o consentimento, o aparelho foi colocado perto do entrevistado, na mesa, tentando escolher um lugar que estrategicamente ficasse perto do entrevistado, mas parcialmente fora do seu campo visual, assim não interferindo na naturalidade da conversa.

Nas mãos, eu possuía apenas um papel com o roteiro da entrevista, para me orientar, caso houvesse necessidade. Também não houve anotações durante as entrevistas, cuidando para que se assemelhassem a uma conversa. O roteiro da entrevista consistia em perguntas abertas, evitando induzir as respostas para uma tendência ou outra, esquivando-me, conforme orienta Thompson (1992, p. 262) de: “[...] perguntas que levem os informantes a pensar do modo que você pensa, e não do modo deles”. As perguntas estavam divididas

em três blocos temáticos, a feira (histórico e organização), comidas e pessoas (feirantes e clientes).

As entrevistas ocorreram em terreno deles. Cada um de acordo com a sua formalidade. Com o coordenador da Feirinha da JK, Ronaldo Adriano Pinheiro, a entrevista ocorreu em sua mesa, no prédio da Fundação Cultural em um dia da semana, portanto, fora da feira e fora do horário da mesma, com um dos responsáveis pela Feria de Ciudad del Este, uma Central de Produtores e Feirantes Hortigranjeiros, Luis Lopes Benites, aconteceu na sala administrativa, localizada no meio da Feria e durante ela; e com o presidente da *Asociación Feria de Iguazú*, Julio César Batista, sucedeu em uma das mesas do seu restaurante, enquanto o estabelecimento estava aberto, enfim, no decorrer da Feirinha da Argentina. Duas delas foram agendadas (Feirinha da JK e Feirinha da Argentina), já o responsável pela Feria de Ciudad del Este aceitou ser entrevistado na própria feira, especificamente na sala administrativa.

Após as entrevistas, houve a transcrição das falas e, como o objetivo não era o estudo linguístico da fala dos entrevistados, optou-se pela transcrição das narrativas em português, recorrendo à ajuda de *hablantes* do espanhol e do guarani, para alguma palavra ou expressão que não estivesse clara ou bem compreendida.

Foram realizadas dez entrevistas com feirantes de uma das feiras, no primeiro período de coleta de informações. Por uma questão de equivalência em que deveriam ser realizadas a mesma quantidade de entrevistas nas outras duas feiras e pela impossibilidade de tempo e de desenvolvimento dos dados que seriam obtidos, optou-se pela não utilização destas informações. Entendi também que feira não é local para entrevistas, mas de diálogos. Quando entrevistados, os feirantes não estavam à vontade, não ficaram confortáveis, queriam vender o peixe deles. Porém, os diálogos, as conversas informais, fazem parte do cotidiano da feira. Eram normais e corriqueiras as conversas sobre a feira, os produtos que vendem, as comidas, os clientes, o feirar, e assim foi feito.

Tomei o cuidado de não estar demais em uma feira só, e deste modo privilegiá-la nas análises. Procurei apresentar elementos mesmo que díspares em quantidade, equivalentes aos vestígios e indícios encontrados nas três feiras.

Sobre a utilização de jornais, sinto a necessidade de fazer um complemento. Como já se percebeu, este texto não parte de jornais. Utiliza-os. Utilizei jornais das próprias cidades para falar dos seus próprios espaços, isto é, jornais de Foz do Iguaçu para trabalhar a Feirinha da JK, jornais de Ciudad del Este para trabalhar a Feria de Ciudad del Este e jornais de Puerto Iguazú para trabalhar a Feirinha da Argentina, cada qual com seu olhar.

A historiadora brasileira Tania Regina de Luca (2005) descreve que até os anos de 1970 havia relutância em pensar a história a partir da mídia, seja ela jornal ou revista. Na ânsia pela verdade absoluta, imaginava-se que textos dessa natureza não fossem

capazes de permitir tal feito. Afinal, o historiador/pesquisador deveria utilizar textos neutros e fidedignos. Essas “enciclopédias do cotidiano” como afirma Luca (2005), continham, além disso, referências a fragmentos do presente e eram consideradas parciais e subjetivas.

Deve-se reconhecer, como acentua Luca (2005), que a imprensa periódica elege, organiza, elabora e relata, de certo modo, aquilo que selecionou como merecedor de ser publicado. O pesquisador deve encarar o texto como algo que foi planejado para estar ali, naquelas folhas, naquela publicação.

Luca (2005, p. 140, grifos da autora) reforça que: “Em síntese, **os discursos adquirem significados de muitas formas** [...] A ênfase em certos **temas**, a **linguagem** e a **natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público que o jornal ou revista pretende atingir**”. Por fim, a autora elencou alguns procedimentos para o trabalho da imprensa como fonte, deixando evidente que não há um único método a ser aplicado. O próprio jornal se torna objeto da pesquisa.

Relembro que esse não é um trabalho cuja fonte principal é a imprensa. Todas as vezes em que houve reportagens de jornais online ou impressos citados no texto, estes tiveram como objetivo a complementação do cenário sobre determinado assunto. Compreende-se que as reportagens não são neutras, mas contém informações pertinentes a esta pesquisa.

Lendo o texto de Luca (2005, p.140), deparo-me com uma citação do historiador Jean-François Sirinelli (2003) sobre a revista, dizendo que esta era um lugar de fermentação intelectual. Retirarei essa expressão de seu contexto inicial e me apropriarei dela, como o “ruminar” de Tedesco (2013). Primeiramente, a fermentação é um processo associado à comida. Explorarei mais essa questão.

A fermentação, segundo Gomensoro (1999, p.175), é o processo, “[...] pelo qual o açúcar se transforma em álcool, ácido carbônico e outros subprodutos. É a palavra usada para definir a ação do fermento, quando está atuando”. A fermentação (alcoólica, láctica ou acética) está intimamente ligada com o mundo da comida, tendo como resultado prático vinho, cerveja, pão, queijos, iogurtes, vinagres, para citar os mais comuns. Qual o objetivo de uma escrita acadêmica se não esta fermentação intelectual? Se não esta transformação de matéria em outras matérias? Mais uma expressão que se casa bem com termos gastronômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se este capítulo com bases sólidas no método indiciário, práticas do cotidiano e indícios etnográficos que foram essenciais para prosseguir com o andamento da pesquisa de campo e seus desdobramentos sobre as culturas alimentares deste recorte territorial.

A Feirinha da JK, a FERIA Municipal de Ciudad Del Este e a Feirinha da Argentina foram lidas e analisadas por meio deste prisma. Três países, três municípios, três espaços, três objetivos, três públicos e inúmeros vestígios alimentares. Uma bagagem entre bancas, pessoas e ingredientes.

Deseja-se que essa escrita seja uma fermentação intelectual nos possíveis leitores. Que essas palavras, expressões, teorias, discursos possam provocar transformações dessas matérias em outras matérias e que este processo seja borbulhante e inquietante.

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n. 1, pp. 13-37, 1996.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Feriantes están en contra de comerciantes que venden productos de contrabando. ADN Paraguayo, Ciudad del Este, 11 set. 2018. Disponível em: <<http://www.adndigital.com.py/feriantes-estan-comerciantes-venden-productos-contrabando/>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3. Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GEERTZ, Clifford James. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Nondimanco: Machiavelli, Pascal. Milão: Adelphi Edizioni, 2018.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. Tradução: Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMENSORO, Maria Lucia. Pequeno dicionário de gastronomia. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GREGORY, Lucia Teresinha Macena. Retratos, instantâneos e lembranças: a trajetória e o acervo da fotógrafa Írica Kaefer, Marechal Cândido Rondon (1954-1990). Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 380. 2010.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Tradução: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RUHLMAN, Michael. Elementos da Culinária de A a Z: técnicas, ingredientes e utensílios. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

TEDESCO, João Carlos. Ruminantes de memórias: sentimentos, experiências e silêncios deliberados. In: História: Debates e Tendências, v. 13, n. 2, pp. 343-353, jul./dez. 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 231-269.

STEFANUTTI, Paola. Das feiras às culturas alimentares (no plural) da tríplice fronteira. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteira). Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Foz do Iguaçu, p. 325. 2020.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Narrativas de uma etnografia na feira: é só sentar e escrever? In: DAVID, Cesar de; VARGAS, Daiane Loreto de (Org.). Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro. 2. ed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2018, p. 229-248.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; OLIVEIRA, Silvana Silva de; CIELO, Daniele Palma. A fotografia na feira: entre olhares, fatos e experiências compartilhadas. In: VIZER, Eduardo; BARICHELLO, Eugenia; SILVEIRA, Ada da. (Org.). Mídia e processos sociotécnicos no Brasil e Argentina. Santa Maria: FACOS/UFMS, v. 1, pp. 241-260, 2016.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. Introdução: breves observações sobre feiras, mercados e campesinatos. In: ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira (Org.). Feiras, feirinhas e feirões: a "economia dos centavos" em foco. São Leopoldo: Editora Oikos, 2017. pp. 7-10.

Lugares de Memória



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



PPGSCF

Programa de Pós-Graduação em
Sociedade, Cultura e Fronteiras

Atena
Editora

Ano 2022

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br

Lugares de Memória



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



PPGSCF

Programa de Pós-Graduação em
Sociedade, Cultura e Fronteiras

Atena
Editora

Ano 2022

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br